

## **DOSSIER 1**

NOÇÕES DE CULTURA  
em antropologia

excertos para discussão em aula

Antropologia Cultura e Arte | PPC | 1º ano | 2º semestre

Teresa Fradique | 2024

ESAD.CR | Politécnico de Leiria

## ANTES DE MAIS... TRÊS DISTINÇÕES PRIMORDIAIS

**Antropologia física** - (A mais conhecida perspectiva da Antropologia, mas que não trataremos no contexto da presente disciplina). Tem por objecto de estudo certas características biológicas do homem, usando as noções de hereditariedade, de nutrição, de diferenciação entre os sexos, entre muitas outras.

**Antropologia Cultural** - Os conceitos chave são os de *relativismo cultural e cultura*. Trata-se de uma corrente que se difundiu sobretudo nos Estados Unidos da América. Apesar de ter sido fundamental para a mudança de paradigma sobre natureza humana, colocando em causa as visões hierarquizadas das culturas, esta corrente é geralmente criticada por ter uma visão estática das sociedades.

**Antropologia Social** - Tem como conceitos chave a *etnografia* e a *organização social*. Assenta no estudo comparativo de certos níveis da vida social (política, economia, parentesco, etc.) observados em diversas sociedades. O seu objectivo consiste em estabelecer leis gerais da vida em sociedade que sejam válidas tanto nas sociedades não-ocidentais como nas sociedades ocidentais. Procura aprender o funcionamento das culturas e o sentido das suas práticas sociais.

## CULTURA É...

Pensar a unidade na diversidade da humanidade: «Se todas as "populações" humanas possuem mesmo património genético, diferenciam-se pelas suas escolhas culturais, inventando cada uma delas soluções originais para os problemas que se lhes põem.» (Denys Cuche 2003, p. 24).

- Noção de cultura como forma de **rejeitar as explicações naturalistas** do comportamento humano.

- Utilização do conceito de cultura como forma de **exercício político e de poder**.

- Variações culturais demonstram a **coerência simbólica** do conjunto de práticas sociais de uma colectividade particular ou de um **grupo de indivíduos**.

- Capacidade de **resistência e autonomia** das culturas **não-hegemónicas** (incluindo as chamadas sub-culturas).

- **Cultura e identidade**: «A identidade cultural de um dado grupo não pode compreender-se a não ser pelo estudo das suas relações com os grupos vizinhos.» (Denys Cuche 2003, p. 26).

«A análise cultural conserva hoje toda a sua pertinência e continua a revelar-se capaz de dar conta da **lógicas simbólicas em acção no mundo contemporâneo**, contanto que não descurem os ensinamentos das ciências sociais. Não basta tomar-lhes de empréstimo o termo "cultura" para se impor uma leitura da realidade, que muitas vezes esconde **uma tentativa de imposição simbólica**.» (Denys Cuche 2003, p. 26).

Excertos retirados de CUCHE, D. (2003). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século.

OU SERÁ ANTES...

## **não se trata tanto de viver em culturas, mas de vivemos culturalmente**

«(...) **o conceito de cultura** encerra um grau de abstracção bastante elevado. Por outras palavras, a "cultura" não é algo que nós possamos alguma vez esperar encontrar "no terreno". O que nós encontramos são pessoas cujas **vidas as conduzem numa viagem através do espaço e do tempo em meios que se lhes apresentam como plenos de significado**. Pessoas que utilizam tanto as palavras como os artefactos materiais [como as imagens] para conseguir **produzir coisas e comunicar com os outros**. Pessoas que, na sua conversação, desfiam um sem fim de metáforas de forma a tecerem uma rede de equivalências simbólicas em constante expansão. O que nós não encontramos são corpus de pensamento e costumes que estejam claramente definidos e que sejam mutuamente exclusivos, partilhados de forma perfeita por todos aqueles que se reconhecem neles.

(...)

A ideia de que a humanidade enquanto um todo pode ser dividida numa multiplicidade de "cápsulas" culturais estanques, sendo cada uma um potencial objecto de um escrutínio antropológico desinteressado, foi abandonada ao mesmo tempo que passámos a reconhecer a **interconecção mundial de pessoas, não apenas na era dos modernos transportes e comunicações, mas também ao longo de toda a história**. A ideia de cultura isolada revelou ser uma ficção da imaginação antropológica ocidental. **Seria então mais realista afirmar que as pessoas vivem culturalmente do que dizer que vivem em culturas.**» (Ingold, 1994, p.330)

Excerto do texto de INGOLD, Tim, 1994, «Introduction to Culture» in *Companion Encyclopedia of Anthropology*, London, Routledge.

## **as nações enquanto comunidades políticas imaginadas**

Benedict Anderson [(1983) 2006]

O meu ponto de partida é que a nacionalidade, ou, como poderá ser preferível, dada a multiplicidade de significados desse termo, o factor nacional e o nacionalismo **são artefactos culturais de um tipo especial**. Para os compreendermos bem temos de analisar atentamente o seu aparecimento histórico, as alterações sofridas pelos seus significados ao longo do tempo e a razão por que, hoje em dia, possuem uma **legitimidade emocional tão profunda**. Tentarei argumentar que a criação destes artefactos em finais do século XVIII foi a destilação espontânea de um complexo "cruzamento" de forças históricas discretas, mas que, uma vez criados, se tornaram "modulares", passíveis de transplantação, com maior ou menor grau de consciência, para uma grande variedade de terrenos sociais, para integrarem e serem integrados numa série de constelações ideológicas e políticas igualmente variadas. Procurarei também demonstrar as razões por que estes artefactos culturais específicos provocaram uma **adesão tão profunda**. (...) Assim, num espírito antropológico proponho a seguinte definição da nação: é uma comunidade política imaginada - e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana.

É *imaginada* porque até os membros da mais pequena nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão.

[nota TF: não se trata de considerar o nacionalismo como equivalente a "invenção" ou "fabricação" e "falsidade", mas antes de o considerar como resultado de processos de "imaginação" e "criação".]

Excerto do texto de Anderson, Benedict, 2003. *Imagined Communities: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Lisboa, Edições 70, pp.22-25.

## a invenção da tradição

Eric Hobsbawm & Terence Ranger [1993]

'Traditions' which appear or claim to be old are often **quite recent in origin and sometimes invented**. (...) The term 'invented tradition' is used in a broad, but not imprecise sense. It includes both "traditions" actually invented, **constructed and formally instituted** and those emerging in a less easily traceable manner within a brief and dateable period - a matter of a few years perhaps - and establishing themselves with great rapidity. 'Invented tradition' is taken to mean a set of practices, normally governed by overtly or tacitly accepted rules and of a ritual or symbolic nature, which seek to **inculcate certain values and norms of behaviour by repetition**, which automatically implies continuity with the past. In fact, where possible, **they normally attempt to establish continuity with a suitable historic past**. A striking example is the deliberate choice of a Gothic style for the nineteenth-century rebuilding of the British parliament, and the equally -deliberate decision after World War II to rebuild the parliamentary chamber on exactly the same basic plan as before. (...)

It is the **constant change and innovation of the modern world** and the attempt to structure at least some parts of social life within it as **unchanging and invariant**, that makes the 'invention of tradition' so interesting for historians of the past two centuries. Inventing traditions, it is assumed here, is essentially a process of formalisation and ritualisation, characterised by reference to the past, if only by **imposing repetition**.

Excerto do texto de Eric Hobsbawm & Terence Ranger, [1993] 2000, *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.1-4.

## UNESCO: Protecting Our Heritage and Fostering Creativity

In today's interconnected world, **culture's power to transform societies** is clear. Its **diverse manifestations** – from our cherished historic monuments and museums to traditional practices and contemporary art forms – **enrich our everyday lives** in countless ways. **Heritage constitutes a source of identity and cohesion for communities disrupted by bewildering change and economic instability. Creativity contributes to building open, inclusive and pluralistic societies. Both heritage and creativity lay the foundations for vibrant, innovative and prosperous knowledge societies.**

UNESCO is convinced that **no development can be sustainable without a strong culture component**. Indeed only a **human-centred approach to development** based on mutual respect and **open dialogue among cultures** can lead to lasting, inclusive and equitable results. Yet until recently, culture has been missing from the development equation.

To ensure that culture takes its rightful place in development strategies and processes, UNESCO has adopted a three-pronged approach: it spearheads worldwide advocacy for culture and development, while engaging with the international community to set clear policies and legal frameworks and working on the ground to support governments and local stakeholders to safeguard heritage, strengthen creative industries and encourage cultural pluralism.

UNESCO renowned **cultural conventions provide a unique global platform for international cooperation and establish a holistic cultural governance system based on human rights and shared values**. These international treaties endeavour to protect and safeguard the world's cultural and natural heritage including ancient archaeological sites, intangible and underwater heritage, museum collections, oral traditions and other forms of heritage, and to support creativity, innovation and the emergence of dynamic cultural sectors.

[do site oficial da UNESCO. Em <<https://en.unesco.org/themes/protecting-our-heritage-and-fostering-creativity>>, último acesso a 25/11/2020]

Ver também: definição de património pela Direcção-Geral do Património Cultural [em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/>>, último acesso a 25/11/2020]

# Theorizing Heritage [1995]<sup>1</sup>

Barbara Kirshenblatt-Gimblett

O meu objetivo [neste texto] é regressar à **questão da tradição** - não em defesa do tema canônico do folclore, mas sim tomar as "percepções enganosas" [*misperceptions*] populares do folclore como indicativas das verdades do património, tal como emergem da prática contemporânea. **Neste contexto, considero património enquanto a transvalorização do obsoleto, do equivocado, do antiquado, do morto e do defunto.** O património é **criado através de um processo de exibição** (como conhecimento, como performance, como exposição de museu). A **exibição confere uma segunda vida** ao património concebido enquanto tal.

O meu argumento é assim construído em torno de cinco proposições:

- (1) O património é um **modo de produção cultural no presente que recorre ao passado;**
- (2) O património é uma **indústria de "valor agregado";**
- (3) O património **produz o local para exportação;**
- (4) Uma marca distintiva do património é a **relação problemática dos seus objetos com seus instrumentos;**
- (5) Uma chave para entender o património é sua **virtualidade**, seja na presença ou ausência de atualidades [actualities]. (369)

## **O património é um modo de produção cultural no presente que recorre ao passado**

O património **não é perdido e encontrado, roubado e recuperado.** Apesar do discurso que convoca em torno de noções de conservação, preservação, restauro, reclamação, recuperação, recriação, revitalização e regeneração, **o património produz algo novo no presente, recorrendo ao passado.** Tal linguagem sugere que o património existe antes de sua identificação, avaliação, conservação e celebração. (...)

Alternativamente, gostaria de enfatizar que o património não é perdido e encontrado, roubado e recuperado. É um **modo de produção cultural no presente que recorre ao passado.** (...) O património não apenas confere a edifícios, recintos e modos de vida que, por um motivo ou por outro, já não são

viáveis, **uma segunda vida enquanto exibições de si mesmos, também produz algo novo.** (...) [Assim,] a indústria do património é um **novo modo de produção cultural que protege o que deixou de ser sustentável.** O processo de proteção, de "agregar valor", **fala no e para o presente**, mesmo que o faça em termos do passado.

---

<sup>1</sup> Tradução livre para trabalho em aula. Citar sempre o original e não esta versão.

## Património, turismo urbano e emoção [2020]

Carlos Fortuna

No que respeita à relação do património com o turismo e a sociedade, devemos começar por enunciar uma premissa, hoje razoavelmente divulgada, segundo a qual **as ações de conservação e proteção do património não apresentam qualquer relação direta com a ideia que atribui aos seres humanos um inabalável desejo de conservar e manter as suas tradições e os seus modos de vida**. Transmitir as futuras gerações a tradição cultural é um imperioso desígnio político e cultural da humanidade, mas é preciso notar que **o argumento da conservação e proteção do património tem a sua própria autonomia institucional e não pode ser confundido com a manutenção de quaisquer tradições socioculturais das comunidades e das nações**. Há mesmo quem denuncie este excesso de **preservação patrimonialista**, em particular, **aquilo que é promovido pela moderna indústria do turismo que gera um efeito de paródia sobre as comunidades e as nações com o exagerado esforço de as fazer corresponder aos desígnios do turismo contemporâneo** (Silberman 1996).

### Património e tradição

Pensemos como **é distinto conservar o património e conservar a tradição cultural**. Em primeiro lugar, a diferença reside no facto de a **tradição, entendida como reprodução cultural de padrões comportamentais e modos de pensamento e ação**, aflorar a todo o momento **nas práticas sociais dos sujeitos**, mostrando uma vivacidade e um dinamismo que, por um lado, **a tornam atual, permanentemente renovada** quase **plástica** e, por outro lado, alimentam um sentido reconfortante de proximidade do passado coletivo. Ao invés deste sentido de proximidade do presente com o passado que a tradição tipifica, **a prática institucional da conservação do património exige uma distância histórica**, pela qual os objetos, os lugares e as práticas sociais **podem ser vistos como documentos de um passado mais ou menos longínquo**. A criação social desta distância temporal é essencial para se poder nomear e atribuir significado próprio ao património. Com efeito, **é nessa distância que reside o ato patrimonial e a capacidade de instituições** (86) **políticas definirem o que é ou não é património histórico legítimo**. Esse ato é um momento esclarecedor daquilo que deve ou não ser objeto de medidas de consagração e reconhecimento proteção/conservação e, assim, de consagração e reconhecimento social alargado.

**O ato patrimonial refere-se em regra à consagração de determinados objetos, lugares e práticas socioculturais que surgem (re)investidos de significado**

**histórico, mesmo se despojados de qualquer vinculação constitutiva do que é vida coletiva atual e, por igual, do que possam ter sido as suas significado cultural no passado.**

Excertos do texto de FORTUNA, C., 2020. "Património, turismo urbano e emoção", *Cidades e Urbanidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 85-106.

## O significado de uma sub-cultura

O **significado de uma subcultura está sempre em disputa** e o **estilo [style]** é a área em que as suas definições conflitantes se chocam de forma mais dramática. Os objetos [usados ou produzidos pelas subculturas] são feitos para significar continuamente o "estilo" dessa mesma subcultura. Este processo começa com um "atentado" contra a ordem natural, mesmo que esse desvio possa parecer ligeiro (o culto de uma madeixa de cabelo, a aquisição de uma scooter ou um certo tipo de roupa). Mas termina na construção de um estilo, num gesto de desafio ou de desprezo, num sorriso ou em desdém. O estilo [style] sinaliza uma recusa. Gostaria de pensar que essa recusa vale a pena fazer, que esses gestos têm um significado, que os sorrisos e os desprezos têm algum valor subversivo, mesmo que, em última análise, eles sejam, o lado escuro das normas e dos regulamentos, apenas como um graffiti numa parede da prisão. Mesmo assim, um graffiti pode permitir fazer uma leitura fascinante [da subcultura e do mundo]. Eles chamam a atenção para si mesmos. Eles são uma expressão de impotência e uma espécie de poder - o *poder de desfigurar* (p.3)

(...) É através dos rituais de consumo distintivos, através do estilo, que uma subcultura simultaneamente revela a sua identidade "secreta" e comunica os seus significados proibidos. É basicamente através da forma como os bens de consumo são usados por uma subcultura que a demarca de formações culturais mais ortodoxas." (Hebdige 1979: 122)

(...) se um estilo (style) é mesmo para pegar, se é para se tornar genuinamente popular, então tem de se dizer as coisas certas da forma certa e no momento certo. Tem de antecipar ou condensar uma disposição, um momento. Tem de incorporar uma sensibilidade (...).» (Hebdige 1988: 122).

HEBDIGE, Dick, [1979] 1997, "Subculture: the meaning of style" in GELDER, K. & THORNTON, S. , The Subcultures Reader. London: Routledge, pp. 130-142.

**NOTA:** Este dossier não dispensa a leitura completa dos capítulos referidos.

## EXERCÍCIO 1

**Quando estamos a falar de cultura, afinal? E como o podemos fazer no século XXI?**

- com base na discussão trazida a partir da discussão teórica e dos casos apresentados, fazer selecção e recolha de um exemplo do que consideram ser uma expressão de cultura actual que vos interesse e instigue a pensar a partir do lugar em que se encontram.
- para apresentar/partilhar/debater em aula.

### Objetivos do exercício:

1. Desenvolver a capacidade para reconhecer e integrar conhecimentos sobre as relações entre cultura e actualidade a partir da análise teórica e da pesquisa de exemplos concretos.
2. Promover a capacidade de gerar ideias originais com vista a uma fundamentação sólida da sua prática enquanto agentes culturais.
3. Promover a capacidade de formular e apresentar essas ideias.
4. Promover a capacidade de debate, escuta, confronto e completo de ideias com entre estudantes.